

As Anotações da *Bíblia de Scofield* sob uma Ótica Reformada

Valdeci S. Santos*

Introdução

De início, o tema deste artigo requer duas definições de termos: “Bíblia de Scofield” e “ótica reformada.” O primeiro refere-se à *Bíblia de Scofield com Referências*, popularmente conhecida como a Bíblia de Scofield. Essa Bíblia foi originalmente publicada em inglês em 1909, reeditada em 1917 e revisada em 1967. Desde então, tem sido traduzida para várias outras línguas.¹ Na América Latina, a Bíblia de Scofield tornou-se especialmente popular através do movimento pentecostal, que vê uma grande aliada na “hermenêutica literal” de suas anotações.² A expressão “ótica reformada” é usada aqui como uma expressão da percepção da fé cristã radicada na Reforma Protestante do século XVI e ensinada por João Calvino (1509-1564). A teologia reformada é caracteristicamente teocêntrica, bíblica, comprometida com o ensino da justificação pela fé, submissa ao Senhor Jesus Cristo e estruturada na doutrina do pacto.³ Além do mais, pode-se dizer que a teologia reformada é confessional, tendo sido expressa através de vários catecismos e confissões de fé. Uma vez estabelecidas as definições, podemos prosseguir para o nosso tema.

Este artigo oferece uma análise do ensino encontrado nas anotações da *Bíblia de Scofield*, com atenção especial à sua ênfase dispensacionalista.⁴ A relevância dessa análise deve-se a um conjunto de fatores relacionados ao uso comum das anotações da *Bíblia de Scofield*. Primeiro, muitos usuários da *Bíblia de Scofield* aceitam suas anotações dogmaticamente, sem nenhum espírito crítico e, segundo William E. Cox, quase que identificando-as com a revelação divina.⁵ Segundo, muitos estudiosos, e até mesmo propagadores dos ensinamentos contidos nas anotações de Scofield, não estão cientes das implicações de sua ênfase dispensacionalista. Terceiro, as referências oferecidas como suporte bíblico aos comentários feitos na *Bíblia de Scofield* nem sempre sustentam o argumento do comentarista. Assim, muitas das comparações tipológicas são forçadas e arbitrarias, mas isto pode passar despercebido ao estudante apressado.⁶ Além do mais, o detalhismo dogmático das anotações da *Bíblia de Scofield* pode até se constituir numa desmotivação para o estudo mais profundo das Escrituras.⁷ Finalmente, temos razões genuínas para crer que essas anotações têm sido instrumentos de doutrinação dispensacionalista inclusive em círculos e púlpitos de tradição reformada, ou seja, calvinista.⁸

O objetivo deste artigo não é desacreditar uma pessoa e sim expor um ensino errôneo. O artigo começa com alguns dados biográficos de C. I. Scofield e prossegue para uma análise sucinta do ensino contido nas anotações da *Nova Bíblia de Referência de Scofield*. No final, o autor apresenta algumas implicações teológicas dessas anotações sob uma perspectiva reformada da história da redenção e sugere algumas considerações pastorais sobre o assunto.

I. Dados Biográficos de Scofield

Cyrus Ingerson Scofield nasceu no dia 19 de agosto de 1843, em Michigan, Estados Unidos, mas foi criado no Estado do Tennessee. Sua mãe morreu durante o parto, mas a

influência paterna garantiu-lhe uma educação piedosa. Desde cedo demonstrou um interesse especial pela leitura.⁹ Durante a Guerra Civil Americana (1863-1865), Scofield, com apenas 17 anos, trocou a universidade pelos campos de batalha, defendendo os Estados Confederados.¹⁰ Com o término da guerra, casou-se e seguiu a carreira do Direito, chegando a obter a posição de promotor no distrito do Kansas. Todavia, esse período de estabilidade durou pouco, pois Scofield entregou-se ao vício da bebida, arruinando assim a sua vida familiar e profissional. Refletindo mais tarde sobre a sua vida, Scofield lamentou este incidente, afirmando: "Não se pode esquecer nem esconder que nesse período o hábito da bebida tornou-se arraigado em mim."¹¹

A conversão de Scofield deu-se em 1879, aos 36 anos de idade. Naquela ocasião, um de seus amigos o confrontou, indagando a razão pela qual ele ainda não era um cristão. Envergonhado com o seu estilo de vida, Scofield rendeu-se a Cristo e, anos mais tarde, relatou: "Foi uma conversão bíblica... recebi Jesus Cristo como meu salvador... imediatamente as cadeias foram quebradas e a paixão pela bebida foi retirada... O poder divino fez isto; só pela graça. A Cristo seja toda a glória!"¹² Como fruto da conversão veio o envolvimento com a causa de Cristo e Scofield tornou-se um membro ativo da Associação Cristã de Moços (YMCA) em Saint Louis, Missouri.¹³ Durante o seu envolvimento com essa organização, Scofield foi grandemente influenciado pelo pastor presbiteriano James H. Brooks, que adotava uma posição premilenista¹⁴ e dispensacionalista.¹⁵ Foi também nessa ocasião que ele se tornou grandemente interessado em identificar referências paralelas de textos das Escrituras, seguindo o exemplo de seu amigo C. E. Parxton.¹⁶ Cerca de 30 anos mais tarde, essa prática resultaria em uma das bíblias anotadas mais populares do século, popularmente conhecida como *A Bíblia de Scofield*.

O trabalho de Scofield junto à YMCA despertou a atenção do superintendente das missões nacionais da Igreja Congregacional, que o convidou para assumir o pastorado de uma pequena igreja em Dallas, Texas.¹⁷ No início de seu ministério, em 1882, a Primeira Igreja Congregacional de Dallas tinha apenas 12 membros, dentre os quais apenas um era do sexo masculino. A despeito dos grandes obstáculos enfrentados pelo novo pastor, o rol de membros da igreja teve um acréscimo de cerca de 188 pessoas no período de dois anos. Motivados pelo crescimento contínuo, os membros da igreja construíram um novo edifício com capacidade para 1.200 pessoas sentadas.¹⁸ Naquele período, Scofield, que estava divorciado desde antes de sua conversão, casou-se pela segunda vez. O novo casamento não se deu, porém, sem que antes Scofield tentasse uma reconciliação com sua ex-esposa e também consultasse a opinião de cerca de 100 líderes evangélicos de seu tempo.

Scofield teve uma profunda amizade com o famoso evangelista Dwight L. Moody.¹⁹ Kay L. Raysor informa que por cerca de duas ocasiões Scofield levou Moody para pregar em Dallas e Moody também convidou o colega para participar de uma de suas conferências em Northfield, Massachusetts. Além do mais, atendendo pedidos de Moody, Scofield tornou-se pastor da Igreja Congregacional de Moody em 1895.²⁰ Tão grande amizade parece, a princípio, ser indício positivo de que Moody também era dispensacionalista, mas, segundo George e Donald Sweeting, as pregações e escritos de Moody omitem e até contradizem alguns princípios fundamentais do dispensacionalismo.²¹ Ao contrário dos dispensacionalistas, Moody ensinou que Cristo possui um reino presente, defendeu a aplicação dos mandamentos do Antigo Testamento à vida cristã, nunca aceitou a doutrina da igreja como um parênteses na história da redenção e não adotou a distinção dispensacionalista entre tribulação e arrebatamento.²²

O ministério de Scofield não limitou-se ao pastorado local. Em 1888, ele iniciou suas contribuições literárias com a publicação do livro *Manejando Bem a Palavra da Verdade*,²³ a compilação de uma série de estudos bíblicos feitos na igreja de Dallas. Outros livros surgiram posteriormente, mas nenhum deles obteve a projeção da *Bíblia de Scofield*. Scofield dedicou-se ao projeto de edição e publicação dessa obra de 1907 a 1909. Por duas vezes o projeto foi quase de todo perdido: uma vez em virtude de um incêndio e outra vez devido a um erro no transporte por navio.²⁴ O texto final foi publicado em 1909 pela Oxford University Press.

Além do ministério literário, Scofield envolveu-se no ministério missionário. Devido à influência de Hudson Taylor em sua vida, e após vários contatos com o missionário do interior da China, Scofield assumiu um interesse especial pela América Central.²⁵ Após consulta a várias agências missionárias sobre o interesse das mesmas na América Central e tendo recebido uma resposta negativa de cada agência consultada, Scofield e um grupo de empresários da Primeira Igreja Congregacional de Dallas organizaram a Missão América Central, no dia 14 de novembro de 1890.²⁶ Em 1914, Scofield e William L. Pettingill organizaram o Instituto Bíblico de Filadélfia, que Scofield presidiu até 1918.²⁷ Após muitas outras atividades, o Senhor o chamou no dia 24 de julho de 1921.

A biografia de Scofield revela seu grande zelo e compromisso cristão. Primeiramente, vemos o seu zelo pelas Escrituras, demonstrado em sua diligência no estudo bíblico e em sua defesa da inerrância da Palavra de Deus. Além disso, vemos o seu zelo pelo avanço evangelístico-missionário, com o qual ele se comprometeu até mesmo em níveis práticos. Em terceiro lugar, a biografia de Scofield manifesta o seu zelo no sentido de equipar os santos para o serviço do Mestre, através de materiais escritos que presumivelmente os ajudariam a manejar bem a Palavra da Verdade. O que faltou, porém, na vida e obra de Scofield foi o zelo pela sã doutrina, que envolve o cuidado com a exegese e o estudo sistemático da Palavra de Deus. Como veremos nas páginas seguintes, a ausência deste zelo doutrinário nas anotações da *Bíblia de Scofield* compromete o ensino contido em suas anotações e traz sérias implicações teológicas e práticas para o povo de Deus.

II. O Ensino das Anotações da *Bíblia de Scofield*

As anotações da *Bíblia de Scofield* enfatizam corretamente várias doutrinas centrais da fé cristã: a infalibilidade das Escrituras; a divindade, a humanidade e a ressurreição de Jesus Cristo; e o juízo final. O sistema de referências encontrado nas colunas de cada página, a introdução aos livros bíblicos e os detalhes arqueológicos e geográficos também são de grande valia para o estudante das Escrituras. Todavia, a posição teológica dessas anotações precisa ser distinguida e analisada com cautela, para que o veículo através do qual a revelação especial de Deus está sendo apresentada não ofusque "todo o desígnio de Deus" (Atos 20.27).

A. Observações Preliminares

Em geral, as anotações da *Bíblia de Scofield* revelam três pressuposições positivas: (1) há uma unidade intrínseca nas Escrituras Sagradas, (2) as Escrituras revelam a história da redenção de uma maneira gradual e contínua, e (3) a inspiração divina é a fonte última da harmonia das Escrituras. Além do mais, o editor dessas anotações afirma corretamente que Cristo é o tema central da Bíblia.²⁸

Uma comparação entre a nova edição da *Bíblia de Scofield*, de 1967, e a obra original de 1909, evidencia alguns melhoramentos significativos nas anotações da nova edição. A

nova edição, por exemplo, excluiu o comentário descuidado de que "a dispensação da Promessa foi anulada quando Israel aceitou a lei,"²⁹ e trouxe a afirmação de que tal dispensação "foi suplantada, embora não anulada, pela lei que foi dada no Sinai."³⁰ Há também um maior número de notas de rodapé e, felizmente, sem o dogmatismo característico da versão original. A nova edição também traz um comentário melhorado sobre a graça em João 1.17, corrigindo a sugestão original da possibilidade de salvação pelas obras.³¹

A despeito dos melhoramentos feitos, a nova edição da *Bíblia de Scofield* ainda apresenta comentários confusos e algumas vezes comprometedores. Por exemplo, o comentário de Gênesis 3.7 traz a explicação dúbia de que na segunda dispensação "o homem foi colocado por Deus sob a mordomia da responsabilidade moral, ficando responsável por praticar todo o bem conhecido, abster-se de todo o mal conhecido e aproximar-se de Deus."³² Mas o que significa abster-se de todo o mal conhecido? Seria isto tudo o que o homem sabe ser mal, ou seria evitar apenas o pecado consciente? Que dizer sobre o pedido de Davi sobre as faltas ocultas (Sl 19.12)?

Algumas informações errôneas ainda persistem nas anotações da nova edição da *Bíblia de Scofield*. Ao comentar Gênesis 9.16, Scofield diz que "toda a revelação divina é através dos homens semitas."³³ Que dizer, porém, de Lucas? E a revelação geral de Deus expressa através das obras criadas (Sl 19, 104; Atos 14.16-17, etc.)? Também, ao contrastar Ló e Abraão no comentário de Gênesis 19.36, Scofield afirma que os mesmos "são representantes do crente mundano e do espiritual"³⁴ e, comentando 1 Coríntios 2.14, sustenta que Paulo divide os homens em três classes: o homem natural, ou seja, o homem não regenerado; o crente espiritual, ou seja, o homem cheio do Espírito Santo; e o crente carnal, ou seja, o crente infantil.³⁵ Logo, essas anotações têm sido influentes motivadoras da falácia do crente carnal.³⁶ Mas as Escrituras chamam Ló de justo (2 Pe 2.7-9) e em suas cartas aos coríntios Paulo enfatiza que todo cristão é convertido, selado e habitado pelo Espírito Santo de Deus (1 Co 12.3; 2 Co 1.22; e 1 Co 6.19).

Por fim, Scofield apresenta uma divisão do evangelho em quatro aspectos que é completamente estranha ao ensino bíblico. Comentando Apocalipse 14.6, ele os apresenta: o evangelho do reino, o evangelho da graça, o evangelho eterno do julgamento divino e o evangelho da salvação.³⁷ As Escrituras, porém, falam de um só evangelho, o evangelho de Cristo, que dever ser pregado a todas as nações, o qual é o poder de Deus para a salvação, no qual a justiça de Deus se manifesta, e no qual mesmo Abraão creu (Mc 16.15; Rm 1.15-7; Gl 3.8, etc.). Assim, quer seja o evangelho de acordo com Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo ou Pedro, há somente um evangelho de Cristo.

B. O Ensino Dispensacionalista

A despeito de dispensacionalismo ser um movimento diversificado, há uma opinião comum nos círculos acadêmicos de que as anotações da *Bíblia de Scofield* têm sido o instrumento mais eficaz na propagação dos fundamentos desse movimento.³⁸ Winfried H. Eisenblätter afirma acertadamente que "quem tem a *Bíblia de Scofield* possui a Bíblia e um sistema doutrinário em um só livro."³⁹ Assim como o movimento, o ensino dispensacionalista dessas anotações é multiforme e os tópicos relacionados com o mesmo são inúmeros. Por razões práticas, este artigo concentra-se em dois pilares desse ensino: as sete dispensações e a separação entre Israel e a Igreja.

1. As Sete Dispensações

Uma pressuposição de Scofield, e dos dispensacionalistas em geral, é que manejar bem a Palavra da Verdade (2 Tm 2.15) implica em dividir as Escrituras em uma série de dispensações. Na definição de Scofield, "uma dispensação é um período de tempo no qual o homem é testado na sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus."⁴⁰ Eisenblätter nos lembra corretamente que, nessa divisão da história da redenção, Scofield seguiu e ampliou o ensino de seu mentor John Nelson Darby (1800-1882).⁴¹

De acordo com Scofield, a história da redenção pode ser apropriadamente dividida em dispensações. O que apresentamos aqui é apenas um resumo desse ensino:

a. **Inocência** (Gn 1.28 – no Éden)

Consistiu na instrução divina para Adão e Eva procriarem, subjugarem a terra e alimentarem-se do fruto do jardim do Éden, exceto o fruto do conhecimento. O fracasso dos seres humanos em cumprir esses requisitos resultou no julgamento divino sobre os mesmos: a sua expulsão do jardim.

b. **Consciência** (Gn 3.7 – da Queda ao Dilúvio)

A queda trouxe o despertar da consciência humana e o homem, após a sua expulsão do Éden, foi colocado sob o pacto Adâmico, o qual consistiu na maldição sobre Satanás e a terra, a morte física do homem e a promessa do Redentor.⁴² O teste nessa dispensação consistiu na rejeição de todo mal consciente.

c. **Governo Humano** (Gn 8.15 – de Noé a Babel)

Durante essa dispensação, o ser humano foi colocado sob o teste de governar o seu próximo e proteger a vida humana, inclusive através da pena de morte.⁴³ Para os judeus como uma nação distinta, essa responsabilidade terminou com o cativo babilônico, mas, para os gentios, essa dispensação continua até o retorno de Cristo.

d. **Promessa** (Gn 12.1 – Abraão ao Egito)

Scofield não define ao certo quais são as condições dessa dispensação, mas afirma que a mesma revela o propósito de Deus em cumprir seu programa para Israel.⁴⁴ Segundo os defensores desse ensino, aquelas nações que honraram Israel foram abençoadas, mas "invariavelmente os povos que perseguiram os judeus tiveram que enfrentar as conseqüências."⁴⁵

e. **Lei** (Êx 19.1 – Moisés a João Batista)

No esquema de Scofield, essa dispensação condicionou a vida de Israel como uma nação. Essa dispensação foi essencialmente moral e condicional, e foi aplicada somente ao povo de Israel. Os gentios, nesse período, ainda estavam sob a dispensação do governo humano. O teste dessa dispensação foi a obediência legal.

f. **Igreja ou Graça** (Jo 1.17 e At 2.1)

Mesmo depois de corrigir os comentários originais a respeito dessa dispensação, as notas da nova edição da *Bíblia de Scofield* ainda indicam que aqueles que estavam sob a

dispensação da lei adquiriram as bênçãos de Deus pelas obras de sua obediência. Essa dispensação terminará com o arrebatamento pré-tribulacional.

g. **Reino ou Milênio** (Ap 20.4)

Afirma-se que essa dispensação final é o cumprimento da promessa divina a Davi (2 Sm 7.8-17). Na mesma, Jesus reinará sobre a terra por mil anos e seus santos participarão de seu governo.

A divisão da história da redenção em sete dispensações é o alicerce sobre o qual Scofield apoiou o seu dispensacionalismo pré-milenista e pré-tribulacionista.

Muito mais do que apenas uma tentativa de dividir a história humana, o esquema de Scofield implica em diferentes formas de salvação.⁴⁶ O próprio Scofield, na primeira edição de sua Bíblia com anotações, defendeu que na dispensação da graça "o ponto de teste não é mais a obediência legal como condição para a salvação, mas a obediência ou rejeição de Cristo."⁴⁷ Nesse sentido, a obediência à lei e a fé tornam-se dois meios salvíficos distintos. Na melhor das hipóteses, a definição de Scofield sobre dispensação também enfatiza que a fé é uma obra para a salvação. A fé torna-se a nossa obra salvífica, e não um dom divino. Assim sendo, parece correto afirmar que "a visão dispensacionalista da fé é, ironicamente, legalista."⁴⁸

2. A Separação entre Israel e a Igreja

Charles C. Ryrie afirma que "a essência do dispensacionalismo é a distinção entre Israel e a igreja."⁴⁹ Sendo um instrumento de propagação do dispensacionalismo, as anotações da *Bíblia de Scofield* dão uma ênfase especial a esse ensino não apenas nas divisões dos textos bíblicos mas também nos comentários de rodapé. No centro dessa ênfase está a seguinte afirmação:

Que o cristão herda agora as promessas características dos judeus não foi ensinado nas Escrituras. O cristão é da semente celestial de Abraão e participa das bênçãos espirituais da Aliança Abraâmica; mas Israel como nação sempre terá o seu próprio lugar e ainda receberá a maior exaltação como o povo de Deus na terra.⁵⁰

Assim fica claro que, segundo essa perspectiva, Deus tem dois povos distintos na terra: Israel e a Igreja. O primeiro é uma etnia única; o segundo, uma composição de várias nações. Além do mais, no comentário de Mateus 16.18 os editores da *Bíblia de Scofield* afirmam: "Israel era uma 'igreja,' mas não no sentido da igreja do Novo Testamento."⁵¹ Na seção introdutória dos livros proféticos, os editores corajosamente afirmam: "A Igreja, corporativa-mente, não está na visão do profeta do Velho Testamento."⁵²

No ensino das anotações da *Bíblia de Scofield*, Israel e a Igreja estão separados não apenas em termos étnicos, mas também quanto ao propósito divino para ambos. Assim, a aliança de Deus com Abraão foi absolutamente incondicional, enquanto que a aliança com a Igreja é condicional e requer fé.⁵³ Segundo esse ensino, Israel teve origem na promessa divina a Abraão, mas a Igreja começou no Pentecostes devido à recusa dos judeus em aceitar o reino messiânico de Cristo.⁵⁴ Israel é uma nação visível, enquanto que a Igreja é individual e invisível.⁵⁵ No presente, Israel é um povo em desvantagem, mas será restaurado à terra prometida e obterá o domínio sobre toda a terra, enquanto que a Igreja que agora cresce será arrebatada aos céus.⁵⁶ Logo, Israel e a Igreja também

gozam de diferentes destinos de acordo com o esquema dispensacionalista de Scofield.

Sobre o arrebatamento da Igreja, os dispensacionalistas ensinam que ele será secreto, sem aviso prévio nem para a igreja nem para o mundo. Essa teoria do arrebatamento secreto é defendida com base em 1 Ts 4.13-17 e tem sido grandemente propagada atualmente através da série *Deixados para Trás*.⁵⁷ Todavia, as afirmações das Escrituras a respeito da segunda vinda de Jesus são de que a mesma será precedida de um sinal do Filho do Homem no céu (Mt 24.30) e de um "ressoar da trombeta" e da "voz do arcanjo" (1 Ts 4.16).

Uma análise, ainda que rápida, da distinção dispensacionalista entre Israel e a Igreja evidencia três erros principais de interpretação. Primeiro, na perspectiva dos escritores bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento, a Igreja não é apenas um acidente na história da redenção. Um estudo comparativo de textos como Os 1.10 e Rm 9.22-26; Os 2.23 e 1 Pe 2.9-10; e Am 9.11 e At 15.16 evidencia claramente essa verdade. Segundo, há várias passagens referentes a Israel no Antigo Testamento que no Novo Testamento são aplicadas diretamente à Igreja. Uns poucos exemplos disso podem ser vistos em Êx 19.5-6 e 1 Pe 2.9; Jr 24.7 e 2 Co 6.16; Jr 31.31-34 e Lc 22.10; e Lv 19.2 e 1 Pe 1.15. Terceiro, há uma ênfase clara no Novo Testamento de que a condição de verdadeiro israelita é ultimamente uma questão espiritual ao invés de um relacionamento físico. Segundo o apóstolo Paulo, "...se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.29; ver também Gl 3.7 e Rm 11.17-21). Além de erros hermenêuticos, esse ensinamento traz algumas implicações teológicas que serão analisadas a seguir.

III. Implicações Teológicas das Anotações da *Bíblia de Scofield*

É bem verdade que o ensino das anotações da *Bíblia de Scofield* representa apenas uma forma de dispensacionalismo.⁵⁸ O esquema das notas de Scofield parece representar suficientemente as ênfases centrais de qualquer interpretação dispensacionalista. As implicações teológicas do ensino dessas anotações ferem alguns pontos cardeais da apresentação bíblica das boas novas do evangelho. Nesta seção, limitaremos nossa atenção a apenas três dessas implicações.

A. Uma Cristologia Fraca

O dispensacionalismo de Scofield sustenta que a morte de Jesus Cristo na cruz é a base da nossa salvação nesta dispensação da graça.⁵⁹ Esse mesmo esquema defende, porém, que a morte de Jesus na cruz foi uma consequência direta da rejeição por parte dos judeus do reino terreno que Jesus veio oferecer a Israel. Embora nós, os gentios, tenhamos sido abençoados pela rebeldia judaica, a implicação lógica desse esquema dispensacionalista é que a morte de Jesus na cruz foi um acidente com um final feliz, pois, caso os judeus tivessem aceito a oferta de Jesus, nunca teria havido uma oferta do evangelho aos gentios. Essa é apenas uma pequena demonstração de como a cristologia dispensacionalista é, em última análise, fraca e distanciada da verdade divina sobre a vida e obra do nosso Senhor.

As implicações do ensino dispensacionalista de uma oferta divina de um reino terreno aos judeus são conflitantes com o ensino bíblico por várias razões. Primeiramente, isto torna a "dispensação da graça" um mero parêntese na história da salvação. Nesse sentido, alguém poderia fácil e erroneamente concluir que a "dispensação da graça" não foi predita pelos profetas veterotestamentários. Em segundo lugar, esse ensino

implicitamente trata o sacrifício de Cristo como algo virtualmente supérfluo e desnecessário. Se o reino foi realmente oferecido aos judeus antes da morte de Jesus, segue-se que essa morte não foi essencialmente necessária e, sendo que Deus é imutável, tal sacrifício continua sendo desnecessário. O mero pensamento desta última implicação já nos apavora, mas tal heresia parece ser o resultado lógico de um ensino errôneo. Por último, Scofield parece ignorar o texto de João 6.15, que declara: "Sabendo, pois, Jesus, que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente sozinho, para o monte." De acordo com esse versículo, foi Jesus, e não os judeus, que recusou a oferta de um reino político, terreno e temporal.

Nos últimos tempos, alguns dispensacionalistas têm envidado certo esforço no sentido de responder a impasses cristológicos como o mencionado acima.⁶⁰ O fato, todavia, é que a cristologia dispensacionalista que encontramos nas anotações da *Bíblia de Scofield* é fraca e contraditória com a cristologia bíblica.

B. Uma Soteriologia Confusa

Uma análise dos dois pilares do dispensacionalismo scofieldiano aqui apresentados – as sete dispensações e a separação entre Israel e a Igreja – revela uma soteriologia no mínimo confusa e conflitante. Já vimos que a divisão dispensacionalista da história da redenção implica na prerrogativa de diferentes formas de salvação. O erro de Scofield em não distinguir corretamente entre fé e obras faz da salvação do cristão uma recompensa da sua fé, ou seja, a fé torna-se uma obra salvadora. Porém, de acordo com as Escrituras, tanto o arrependimento quanto a fé são dons de Deus (Rm 2.4; Ef 2.8-9).

A tentativa de Scofield de dividir o evangelho em quatro formas também é desprovida de respaldo bíblico, e confunde, ao invés de aclarar, o ensino soteriológico das Escrituras. Por exemplo, qual seria a diferença prática entre o evangelho da graça e o evangelho da salvação? E que dizer sobre o evangelho do reino e o evangelho do julgamento divino? Haveria realmente uma distinção prática entre essas supostas formas de evangelho?

A distinção qualitativa entre Israel e a Igreja implicitamente rejeita a doutrina cristã da salvação. Se há dois povos de Deus distintos, como eles podem ter a mesma salvação? É bem verdade que as Escrituras apontam para diferentes maneiras pelas quais a salvação foi administrada. O que foi administrado, todavia, foi uma e a mesma coisa, ou seja, a redenção pelo sangue do Cordeiro (Cl 2.16-17; Hb 8-10). Há grande confusão entre o que os dispensacionalistas sustentam – a separação entre Israel e a Igreja – e o que eles negam – a possibilidade de salvação por outro meio que não o sangue do Cordeiro.⁶¹ Por outro lado, a Bíblia ensina que o povo de Deus é o mesmo em todas as dispensações e que esse povo está consolidado sobre um único fundamento dos apóstolos e profetas, o qual é Cristo (Ef 2.20).

Certamente, o debate teológico mais conhecido que envolve o ensino dispensacionalista na atualidade é a chamada controvérsia sobre o senhorio de Jesus, que tem sido chamada de um "assunto vulcânico."⁶² Em resumo, duas posições teológicas estão presentes nessa controvérsia: aquela que afirma que pode-se aceitar Jesus como Salvador, sem ainda tê-lo como Senhor, e aquela que insiste no ensino bíblico de que se a pessoa não tomar a sua cruz e seguir a Jesus, comprometendo-se com o seu senhorio, tal pessoa não evidencia possuir ainda a fé salvadora.⁶³ Entre aqueles que defendem a primeira posição, não faltam os que apelam para o ensino das anotações da *Bíblia de Scofield* sobre o crente carnal, como um respaldo à posição por eles defendida.⁶⁴ Todavia, tal falácia parece ser mais uma exposição do antinomianismo do que um ensino

bíblico.⁶⁵ Mais uma vez, as implicações soteriológicas do ensino dispensacionalista das notas da *Bíblia de Scofield* provam ser confusas, conflitantes e errôneas.

C. Uma Eclesiologia Equivocada

Como já foi visto, a ênfase de Scofield na separação entre Israel e a Igreja torna a igreja um acidente histórico, ou seja, um parêntese entre a rejeição dos judeus e a segunda vinda de Jesus. Considerando isto, R. B. Kuiper conclui que "o dispensacionalismo moderno deprecia abertamente a igreja."⁶⁶ Além do mais, entre os pressupostos desta separação há o ensino de que muitas porções da Bíblia não se referem à igreja propriamente, mas são promessas legais para Israel como nação. Dentre essas passagens estão textos como a oração do Senhor (o Pai Nosso), as parábolas do reino, o ensino sobre a grande tribulação e os capítulos 4-19 de Apocalipse.⁶⁷ Todavia, tal interpretação despreza o valor do esforço exegetico.

A pressuposição scofieldiana de que a correta interpretação da Bíblia requer uma divisão da mesma em diversas dispensações, bem como a separação entre Israel e a Igreja, tem resultado em uma eclesiologia equivocada. Mais uma vez, Gerstner parece estar correto ao afirmar que esse esquema tem dividido erroneamente a Palavra da Verdade.⁶⁸ Além do mais, tal eclesiologia tem motivado alguns dispensacionistas a conceder ao povo judeu a condição e status de redimidos, promovendo cultos ecumênicos entre judeus e protestantes.⁶⁹

Conclusão

Recapitulando, nosso propósito inicial não foi desacreditar uma pessoa, mas sim expor um ensino errôneo que tem tido grande circulação no meio evangélico brasileiro. Ainda que esta análise tenha sido feita de uma ótica reformada, cremos que as conclusões alcançadas estão fundamentadas em uma exegese bíblica sadia. Como um instrumento de propagação da teologia dispensacionalista, as anotações da *Bíblia de Scofield* trazem implicações lógicas e práticas que não deixam de produzir inquietações naqueles que anelam por ver o aperfeiçoamento dos santos e a edificação do corpo de Cristo (Ef 4.12). A recomendação pastoral àqueles que têm feito uso dessas anotações certamente passa pela análise das mesmas à luz da lei e do testemunho (Is 8.20).

Resta-nos então sugerir algumas diretrizes para uma melhor compreensão da história da redenção. Entendendo que as Escrituras revelam um Deus que se relaciona conosco, a teologia reformada propõe um estudo da história bíblica sob a perspectiva do pacto. Nesse sentido, o relacionamento de Deus com a humanidade é um relacionamento pactual (Dt 29.12-15; 2 Co 3).⁷⁰ Assim, a história da redenção pode ser corretamente dividida em dois pactos maiores: o pacto das obras e o pacto da graça. No primeiro, Adão foi o representante da raça humana e sua obediência resultaria em vida eterna, enquanto que sua desobediência resultaria em morte eterna para toda a raça (Is 24.5; Os 6.7). No segundo pacto, Cristo é o representante dos eleitos e a sua obediência perfeita assegurou-lhes vida eterna (Rm 5.14, 1 Co 15.22). Assim, além de representar de modo mais preciso o ensino bíblico, essa perspectiva reformada evita as confusões dispensacionistas e assegura ao cristão que ele tem sido amado com amor eterno em Cristo Jesus (Rm 8.31-39).

Quanto a Scofield e suas anotações bíblicas, nossos sentimentos são dúbios. Por um lado, admiramos grandemente a vida e obra de um homem que foi tão dedicado ao Senhor e a sua causa. Por outro lado, é lamentável que a dedicação cristã nem sempre caminhe lado

a lado com o zelo doutrinário e, no caso de Scofield, as suas anotações tenham se tornado o veículo de um sistema teológico que cremos ser totalmente anti-bíblico.

* O autor é ministro presbiteriano, tendo mestrado em Teologia Sistemática (Th.M.) e doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pelo Reformed Theological Seminary, em Jackson, Mississipi, Estados Unidos. É pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, Espírito Santo.

¹ A edição em português chegou ao Brasil em 1983, contendo referências e notas da edição revisada de 1967. *A Bíblia de Referência de Scofield*, ed. William W. Walker (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1983).

² José M. Bonino, *Faces of Latin America Protestantism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 74; Oscar A. Campos R., "El Dispensacionalismo Progresivo y la Tradición Dispensacional," *Vox Scripturae* (Dezembro 1997): 101-113.

³ R. C. Sproul, *Grace Unknown* (Grand Rapids: Baker, 1977), 23-214.

⁴ Para um estudo mais detalhado do assunto, consultar Paul E. Sisco, *Scofield or the Scriptures* (Pensacola, Flórida: Chapel Library, s.d.); Albertus Pieters, *The Scofield Bible* (Swengel, Pensilvânia: Reiner Publications, 1965); e John H. Gerstner, *Wrongly Dividing the Word of Truth* (Brentwood, Tennessee: Wolgemuth & Hyatt, 1991).

⁵ William E. Cox. *Why I Left Scofieldism* (Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian and Reformed, 1978), 3.

⁶ *Ibid.*, 8-9.

⁷ *Ibid.*, 6.

⁸ Campos R., "El Dispensacionalismo," 101; John H. Gerstner, *A Primer on Dispensationalism* (1982).

⁹ Kay L. Raysor, "C. I. Scofield," *Fundamentalist Journal* 8 (Novembro 1989): 31. Ver também W. N. Kerr, "Scofield, Cyrus Ingerson," na *Enciclopedia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, ed. Walter A. Elwell (São Paulo: Edições Vida Nova), II:363-64.

¹⁰ *Ibid.*, 31.

¹¹ Charles G. Trumbull, *The Life and Story of C. I. Scofield* (Nova York: Oxford University Press, 1920), 26.

¹² *Ibid.*, 31.

¹³ Joel Carpenter, "Scofield, C(yrus) I(ngerson)," *Biographical Dictionary of Christian Missions*, ed. Gerald H. Anderson (Nova York: Simon & Schuster Macmillan, 1998), 607. YMCA: Young Men's Christian Association.

¹⁴ Interpretação escatológica de que o Milênio se dará somente após o retorno de

Cristo. Assim, o retorno de Cristo é defendido como sendo "pré-milenista." Outras posições sobre o assunto são o "amilenismo" e o "pós-milenismo." Para maiores informações, ver Anthony Hoekma, *A Bíblia e o Futuro* (São Paulo: Cultura Cristã, 1983).

¹⁵ Sistema teológico estruturado pelo inglês J. N. Darby (1800-1882) e especialmente popularizado pelas anotações da *Bíblia de Scofield com Referências*. Basicamente, o dispensacionalism defende que a maneira como Deus se relaciona com os seres humanos difere de acordo com as várias dispensações. Para maiores informações, consultar Vern S. Poythress, *Understanding Dispensationalists* (Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian and Reformed, 1993).

¹⁶ Raysor, "C. I. Scofield," 32.

¹⁷ Carpenter, *Scofield*, 607.

¹⁸ Raysor, "C. I. Scofield," 32.

¹⁹ George e Donald Sweeting, *Lessons from the Life of Moody* (Chicago: Moody Press, 1989), 86.

²⁰ Raysor, "C. I. Scofield," 32-33.

²¹ Sweeting e Sweeting, *Lessons*, 86.

²² *Ibid.*, 86-87.

²³ C. I. Scofield, *Manejando Bem a Palavra da Verdade* (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1959).

²⁴ Raysor, "C. I. Scofield," 35.

²⁵ *Ibid.*, 34.

²⁶ *Ibid.*, 34.

²⁷ *Ibid.*, 34.

²⁸ Scofield, *A Bíblia*, ix.

²⁹ C. I. Scofield, *The Scofield Reference Bible* (Oxford University Press, 1909), 20.

³⁰ Scofield, *A Bíblia*, 20.

³¹ Scofield, *Reference Bible*, 1115.

³² Scofield denomina essa segunda dispensação de "dispensação da Consciência." Scofield, *A Bíblia*, 7-8.

³³ *Ibid.*, 17.

³⁴ *Ibid.*, 31.

³⁵ *Ibid.*, 1167.

³⁶ Ver meu artigo "O 'Crente Carnal' à Luz do Ensino de John Owen sobre a Mortificação," *Fides Reformata* IV:1 (Janeiro-Junho 1999): 57-68.

³⁷ *Ibid.*, 1296-97.

³⁸ Craig A. Blaising, "Contemporary Dispensationalism," *Southwestern Journal of Theology* (Primavera 1994), 5-13; Charles C. Ryrie, *Dispensacionalismo, Hoy* (Grand Rapids: Publicaciones Portavoz Evangelio, 1974), 26-29; Pieters, *The Scofield Bible*, 4-9; Poythress, *Understanding*, 19; Gerstner, *Wrongly Dividing*, 41-45.

³⁹ Winfried H. Eisenblätter, "The Scofield Bible: A Challenge from Fundamentalism," *Southwestern Journal of Theology* (Verão 1986), 47.

⁴⁰ Scofield, *A Bíblia*, 3. Os responsáveis pela nova edição da *Bíblia de Scofield com Referências* procuraram amenizar o erro teológico desta definição acrescentando algumas notas explicativas à mesma. O resultado final evidencia uma confusão teológica quanto ao propósito de cada dispensação. Ver *Ibid.*, 4.

⁴¹ Eisenblätter, *The Scofield Bible*, 46.

⁴² *Ibid.*, 8.

⁴³ *Ibid.*, 15-16.

⁴⁴ *Ibid.*, 22.

⁴⁵ *Ibid.*, 22.

⁴⁶ C. Norman Kraus, *Dispensationalism in America* (Richmond, Virgínia: John Knox, 1958), 117-20.

⁴⁷ Scofield, *Reference Bible*, 1115.

⁴⁸ Gerstner, *Wrongly Dividing*, 159.

⁴⁹ Ryrie, *Dispensacionalismo*, 53.

⁵⁰ Scofield, *A Bíblia*, 1157.

⁵¹ *Ibid.*, 972.

⁵² *Ibid.*, 678.

⁵³ *Ibid.*, 20-22.

- ⁵⁴ *Ibid.*, 1099-1101, 1228 e 1253.
- ⁵⁵ *Ibid.*, 1099 e 1158.
- ⁵⁶ *Ibid.*, 756, 879, 1157 e, 1221.
- ⁵⁷ Tim LaHaye e Jerry Jenkins, *Deixados Para Trás: Uma Ficção dos Últimos Dias* (São Paulo: United Press, 1997).
- ⁵⁸ Campos R., *El Dispensacinalismo*, 101-113.
- ⁵⁹ Scofield, *A Bíblia*, 1064 e 1147.
- ⁶⁰ Ryrie, *Dispensacionalismo*.
- ⁶¹ Gerstner, *Wrongly Dividing*, 206.
- ⁶² *Christianity Today* (22 Setembro 1989), 21.
- ⁶³ John F. MacArthur, Jr., *O Evangelho Segundo Jesus* (São José dos Campos: Editora Fiel, 1991).
- ⁶⁴ Ernest C. Reisinger, *Lord and Christ* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1994), 81.
- ⁶⁵ Gerstner, *Wrongly Dividing*, 209-250.
- ⁶⁶ R. B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo* (Grand Rapids: T.E.L.L., 1980), 16.
- ⁶⁷ L. Boettner, *The Millennium* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1958), 244-245.
- ⁶⁸ Gerstner, *Wrongly Dividing*.
- ⁶⁹ Beth Spring, "Some Jews and Evangelicals Edge Close on Israel Issue," *Christianity Today* (17 Dezembro 1982), 33-34.
- ⁷⁰ Ver Mauro F. Meister, "Uma Breve Introdução ao Estudo do Pacto," *Fides Reformata* III:1 (Janeiro-Junho 1998): 110-123; e O. Palmer Robertson, *O Cristo dos Pactos* (Campinas: Luz para o Caminho, 1997).